

Sua cabeça travava uma  
batalha feroz para negar o que  
o corpo já sabia:  
ela o desejava loucamente

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

# TENSÃO

## GAIL MCHUGH



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para minha mãe. Você tinha razão.*

## *Encontros acidentais*

**ELA CALCULOU QUE O VOO** de Colorado a Nova York duraria três horas e quarenta e cinco minutos, e depois desse tempo sua vida mudaria para sempre – mais até do que já havia mudado. Agarrando as laterais do assento com as palmas das mãos suadas, Emily Cooper fechou os olhos enquanto as turbinas se preparavam para a decolagem. Nunca tinha sido fã de viajar de avião; na verdade, morria de medo. Apesar disso, se lembrava de momentos em que a tortura de estar a 30 mil pés de altura tinha valido a pena: quando saiu de casa para ir para a faculdade; a fuga para uma ilha tropical; ou uma visita à sua adorada família. No entanto, esta viagem não lhe dava a menor alegria, apenas sensações de perda e tristeza.

Olhando para ela, estava um dos motivos pelos quais ainda acordava todos os dias: seu namorado, Dillon. Percebia que ele estava ciente da expressão dela, que reunia toda a incerteza do que se encontrava adiante.

Segurando a mão de Emily, Dillon inclinou o corpo para a frente e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

– Vai ficar tudo bem, Em – sussurrou. – Antes que você perceba, a gente já vai estar em terra outra vez.

Ela se obrigou a dar um sorriso e se virou, hesitante, olhando enquanto as montanhas cobertas de neve iam desaparecendo abaixo das nuvens. O coração apertou-se ainda mais dentro do peito ao se despedir do único lar que conheceu. Encostou a cabeça na janela e permitiu que a mente vagasse pelos últimos meses.

Ao final de outubro, no último ano de faculdade, recebera um telefonema. Até aquele momento, a vida lhe parecera... boa. Dillon havia entrado em seu mundo no mês anterior, as notas estavam como deveriam e sua colega de quarto, Olivia Martin, se revelara uma das melhores amigas que teria. Ao atender o telefone naquele dia, Emily jamais poderia esperar aquela notícia.

“Os exames chegaram, Emily”, dissera Lisa, sua irmã mais velha. “Mãe está com câncer de mama em estágio quatro.”

Após aquelas últimas palavras, a vida de Emily nunca mais seria a mesma. Nem de longe. Seu porto seguro, a mulher que mais adorava e o único dos pais que conhecera, tinha menos de três meses de vida. As longas viagens de fim de semana da Universidade de Ohio até o Colorado para ajudar a mãe em seus últimos meses tornaram-se corriqueiras para Emily. Assistia à mãe definhando, indo da alma forte e arrebatadora que um dia havia sido à mulher frágil e irreconhecível na qual se transformara antes de morrer.

Com uma turbulência súbita agitando seus nervos, Emily agarrou a mão de Dillon e o olhou. Ele lhe ofereceu um sorriso breve e meneou a cabeça, basicamente para lhe assegurar de que estava tudo bem. Deitando a cabeça no ombro cálido dele, Emily começou a pensar no papel que Dillon havia desempenhado naquilo tudo: os incontáveis voos entre Nova York e Colorado para estar ao lado dela, os lindos presentes que enviara para desviar seus pensamentos da loucura que consumia sua vida, os telefonemas tarde da noite para se certificar de que ela estava bem. E até mesmo as providências em relação ao enterro, os conselhos sobre a venda da casa onde Emily tinha passado a infância e, por fim, os arranjos para que ela se mudasse para Nova York. Era por tudo aquilo que o adorava.

Enquanto o avião aterrissava no aeroporto LaGuardia, em Nova York, Dillon observava a mão de Emily, segurando a sua com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ele deu uma risadinha discreta e inclinou o corpo para beijá-la.

– Viu só? Não foi tão ruim assim – falou, acariciando a bochecha dela. – Agora você é oficialmente uma nova-iorquina, gata.

Depois de circularem pelo aeroporto durante o que pareceu uma eternidade, Dillon chamou um táxi e eles se dirigiram ao apartamento que

Emily ia dividir com Olivia. Esse era um assunto delicado para Dillon. Quando conversou com Emily sobre a mudança, ele esperava que fossem morar juntos. Mas ela achou melhor, pelo menos por ora, ficar com Olivia. Atravessar o país inteiro já era uma situação um tanto complicada, e ela não queria acrescentar ainda mais pressão à coisa toda. Embora amasse Dillon – e ela certamente o amava com fervor –, uma vozinha em sua cabeça a mandava esperar. Morar junto era algo que viria um pouco mais tarde. Ele acabara aceitando, mas não sem antes brigar um bocado.

Ao chegar a seu novo lar, Emily saltou do táxi. Foi logo atingida pela paisagem e pelos sons da cidade. Alarmes de carros aos berros, freadas bruscas e sirenes gemendo assaltavam o ar. Gente falando e gritando, seus passos avançando pesadamente pelas calçadas de concreto apinhadas, o fluxo frenético de veículos quase colados uns nos outros, um mar de táxis amarelos; aquilo era diferente de tudo o que ela já tinha visto ou ouvido. O vapor que escapava dos bueiros lembrava fantasmas flutuando do asfalto quente.

A paisagem vasta coberta de árvores e os lagos límpidos do Colorado tinham sido substituídos por aço e concreto, barulhos estridentes e um trânsito caótico. Definitivamente, teria que se acostumar a isso. Respirando fundo, Emily seguiu Dillon para dentro do prédio. O porteiro inclinou o boné e chamou Olivia pelo interfone, avisando-lhe que haviam chegado. Subiram ao décimo quinto andar, gratos pela existência do elevador.

Ao entrarem no apartamento, Olivia deixou escapar um gritinho. Correu em direção a eles e abraçou Emily.

– Estou tão feliz por você estar aqui! – exclamou a amiga. – Como foi o voo?

– Resisti sem precisar de drogas ou de bebidas alcoólicas – Emily sorriu. – Então eu diria que foi tudo bem.

– Em ficou bem. – Dillon se aproximou e passou o braço pela cintura de Emily. – De qualquer forma, eu não deixaria que nada acontecesse a ela.

Revirando os olhos castanhos, Olivia cruzou os braços.

– Claro, porque você seria capaz de impedir a queda de um avião, Dillon. Ele olhou sério para Olivia e colocou as malas de Emily no chão.

– É isso mesmo, Oliver Twist. Sou a porra do Super-Homem, lembre-se disso.

Emily deixou escapar um suspiro.

– Já faz um tempo que não encontro vocês dois juntos. Tinha esquecido quanto se curtem.

Olivia deu um sorrisinho afetado e pegou a mão de Emily.

– Vamos, deixe eu lhe mostrar a casa. – Puxando a amiga recém-chegada pelo corredor, Olivia se virou para Dillon: – Seja útil e desfaça as malas dela ou algo assim, Babaca-Mor.

Ignorando Olivia, Dillon afundou no sofá e ligou a televisão.

– Meu Deus, Olivia – disse Emily, rindo e a seguindo bem de perto. – De onde é que você tira esses apelidos?

– Pfft. – Olivia acenou, dispensando o comentário. – Ele facilita muito.

– Bem, já vi que os dois vão me levar à loucura.

– Não posso prometer nada, mas vou fazer o possível para me controlar, amiga.

Enquanto Olivia fazia um belo passeio com ela pela casa, Emily viu que o apartamento elegante e moderno tinha dois quartos e dois banheiros. Mesmo sendo modesta em tamanho, a cozinha tinha armários brancos antigos, bancadas de granito e eletrodomésticos em aço inoxidável. Uma janela imensa na sala dava para a Columbus Avenue, uma região nobre do Upper West Side de Nova York. O apartamento era lindo, de tirar o fôlego e, sem Olivia, Emily jamais teria sido capaz de bancá-lo – pelo menos não sem a ajuda de Dillon. Embora Olivia trabalhasse e se sustentasse, era de uma família abastada, então dinheiro nunca tinha sido problema. Mas mesmo tendo crescido na região rica de North Shore, em Long Island, Olivia e o irmão, Trevor, eram duas das pessoas mais pé-no-chão que Emily conhecia.

Depois de ajudar Emily a se instalar, Dillon foi embora, mas não sem avisar que voltaria mais tarde, à noitinha. Pegando uma garrafa de vinho e duas taças, Olivia arrastou Emily até o sofá.

Jogando os cabelos louros claríssimos para o lado, sorriu com um misto de doçura e amargor.

– Sei que você passou por um monte de coisas, mas estou muito feliz que esteja aqui.

O sorriso de Emily foi correspondente ao de Olivia. Suas emoções se dividiam entre a tristeza das circunstâncias que a levaram a Nova York e a felicidade pelo grande avanço em seu relacionamento com Dillon mudando-se para lá – mesmo que não estivesse morando com ele. Bebeu um gole do vinho e apoiou os pés no pufe.

– Também estou feliz, amiga.

Olivia a fitou, curiosa.

– O Babaca continuou infernizando você por vir morar aqui?

– Não, não infernizou mais, não – respondeu ela –, mas quer que eu me mude para algum lugar com ele até o final do verão.

– Bem, pode avisar ao Dillon que a briga é comigo. – Olivia bufou. Balançando a cabeça, Emily riu da declaração da amiga. – Estou falando sério, Em. Ele precisa lhe dar um pouco de espaço.

– Não se preocupe. Por um bom tempo não vou arredar os pés daqui. – Emily varreu o apartamento com os olhos, até que eles se detiveram em uma pilha de caixas de mudança num canto. – Não estou nem um pouco ansiosa para encarar aquilo ali. – Ela meneou a cabeça para seus pertences empacotados.

– Amanhã não vou precisar trabalhar – avisou Olivia, servindo-se da segunda taça de vinho. – Aí podemos cuidar disso. Por enquanto, vamos só relaxar um pouco.

Nas horas que se seguiram, foi exatamente o que fizeram: relaxaram. Não falaram de câncer. Não falaram de morte. Não falaram das expectativas da vida. Eram só duas amigas tomando uma garrafa de vinho no apartamento que dividiam enquanto uma delas iniciava uma nova fase de sua vida.

\* \* \*

Duas semanas depois, Emily se viu parada diante de um restaurante italiano em Midtown. Empurrou a porta do local, seu novo emprego de verão. Examinou o ambiente em busca do homem que a contratara alguns dias antes: Antonio D’Dinato, um nova-iorquino nato, de vinte e tantos anos.

– Aí está você, Emily. – Antonio sorriu ao se aproximar. – Pronta para seu primeiro dia?

Sorrindo, ela olhou bem para os cabelos dele, castanho-escuros, na altura dos ombros.

– Pronta como nunca.

– Um pouco assustador para uma menina do interior do Colorado, mas estou certo de que você vai se adaptar perfeitamente.

Ela o seguiu até a cozinha, onde foi apresentada aos *chefs de partie*. Todos



sorriram de maneira amigável, mas Emily sabia, por ter sido garçõnete durante a faculdade, que aquela simpatia toda em breve chegaria ao fim. Logo estariam berrando com ela para vir pegar os pedidos na janela e sem dúvida seus rostos estariam menos joviais. Emily começou a vestir o avental preto enquanto Antonio lhe indicava uma garçõnete da sua idade. Com um sorriso, Emily avaliou os cabelos da outra garçõnete. Eram um arco-íris de todas as cores imagináveis, intercalados com mechas de louro platinado.

– Oi, eu sou a Emily. – Ela sorriu ao se aproximar da outra. – Antonio disse que vou acompanhar você hoje.

A garota retribuiu o sorriso e lhe entregou um bloquinho de pedidos e uma caneta.

– Então você é a nova gata do pedaço? Eu sou a Fallon; é um prazer conhecê-la.

– É isso, a nova gata. É um prazer conhecer você, também.

– Bem, não se preocupe com nada. Acho que comecei a trabalhar aqui assim que saí da barriga da minha mãe. – Ela arregalou os olhos cinzentos brincalhões. – Eu lhe mostro o básico e, antes que perceba, você já vai estar correndo por aí de olhos vendados.

– Por mim tudo bem. – Emily riu.

– Ouvi dizer que você é do Colorado...

– Isso mesmo. De Fort Collins, na verdade.

– Você toma café? – perguntou Fallon, oferecendo-lhe uma xícara.

– É um dos meus vícios, na verdade. – Emily aceitou. – Obrigada. Você sempre morou em Nova York?

– Nasci e cresci aqui. – Fallon sentou-se ao balcão, sinalizando para que Emily se juntasse a ela. – Ainda é cedo. A loucura começa daqui a mais ou menos uma hora.

Emily sentou-se ao lado de Fallon e bebericou o café. Olhou ao redor, para o salão, observando os ajudantes de garçom que arrumavam as mesas. Antonio conversava com eles num idioma que Emily imaginava ser espanhol. A voz dele se alterava, ansiosa, enquanto gesticulava para as ruas de Nova York.

– E então, o que a fez atravessar o país até a cidade que nunca dorme? – perguntou Fallon. – Você é atriz ou modelo? Qual dos dois?

– Nenhum dos dois – respondeu ela, tentando ignorar a dor em seu peito. Ainda parecia que tinham jogado sal na ferida recente. – Minha... é...

Minha mãe faleceu em janeiro. Não tive mais nenhum bom motivo para ficar por lá depois que ela morreu.

A expressão de Fallon se abrandou.

– Sinto muito. A morte com certeza é uma merda. Meu pai morreu de infarto há alguns anos, então sei como você se sente. – Fallon deixou escapar um suspiro e desviou o olhar por um instante. – Não importa a idade, a raça ou a nossa situação econômica, a morte sempre nos pega em algum momento.

Emily considerou o comentário sábio para a idade dela, mas, por outro lado, sabia que a morte tinha o poder de fazer as pessoas enxergarem a vida de forma bem diferente.

– É verdade. Sinto muito pelo seu pai.

– Obrigada. Não tem um dia no qual eu não pense nele. – Fallon fez uma pausa. – E o seu pai? Veio para cá com você?

Mais um assunto delicado, mas assuntos delicados haviam se tornado abundantes e inevitáveis.

– Não. Não tenho nenhum contato com ele ou com a família dele desde que tinha 5 anos. Na verdade, nem me lembro do meu pai.

– Só dou bola fora com você, hein? – brincou Fallon. – Desculpe. Será que é melhor eu perguntar sobre cachorrinhos ou algo assim?

Balançando a cabeça, Emily sorriu.

– Não se preocupe. Está tudo bem. Não tenho cachorrinhos, então isso seria um beco sem saída.

– Nem eu. São fofos, mas não lido muito bem com a ideia de cagarem a casa toda. – Fallon riu e prendeu os cabelos num rabo de cavalo. – E então... O que fez você vir para Nova York? Tem outros parentes aqui?

– Aqui, não. Tenho uma irmã mais velha na Califórnia. – Emily bebericou um gole do café. – Mas meu namorado, Dillon, mora aqui. Começamos a namorar no meu último ano de faculdade.

Fallon sorriu.

– Namoradinhos de faculdade, é?

– Não, na verdade ele já estava morando aqui quando a gente se conheceu. O irmão da minha colega de quarto foi visitá-la num fim de semana e o Dillon foi junto.

– Não é impressionante... como os caminhos das pessoas se cruzam? – Fallon fitou os olhos de Emily. – Quer dizer, se o seu Dillon não tivesse fei-

to a viagem com o irmão de sua colega de quarto, vocês dois nunca teriam se conhecido. A vida é superesquisita.

Emily percebeu que tinha gostado de Fallon de cara.

– Concordo plenamente. O destino e os caminhos se apresentam para a gente. É como se tudo fosse um quebra-cabeça enorme que, no final das contas, acaba se encaixando.

– É isso aí. – Fallon sorriu. – E o que você estudou na faculdade?

– Pedagogia. Já comecei a mandar meu currículo por aí na esperança de arrumar alguma coisa para o outono.

Fallon franziu a testa, o piercing do lábio brilhando sob a luz.

– Então vai nos abandonar no fim do verão?

– Que nada! Depois disso provavelmente vou trabalhar meio expediente.

– Legal. – Ela se levantou, o corpo alto e esguio assomando o de Emily como uma torre. – E aí, gosta de sair, tipo *clubbing*?

Emily franziu a testa.

– *Clubbing*?

– É, *clubbing* – respondeu Fallon, requebrando os quadris.

– Ah, está falando de dançar?! – Emily riu. – Claro, em Colorado eu saía, mas ainda não fiz nada do tipo aqui.

– Maneiro. Adoro apresentar novatos à cena *clubber*.

– Bem, estou dentro se você quiser me levar. É só falar quando.

– Pode deixar. Estou saindo com um cara que tem uns 40 anos e ele me coloca para dentro das boates mais incríveis de Nova York, e de graça.

Emily assentiu e bebericou o café.

– O sexo é só um bônus – acrescentou Fallon.

Emily quase engasgou.

– Ah, claro, isso definitivamente seria um bônus.

– Pois é, foi o que pensei. – Ela sorriu. – Muito bem, novata, vamos nessa.

Emily passou o dia seguindo Fallon. Ela lhe mostrou como usar o computador e a apresentou a alguns dos clientes cativos do restaurante. Variavam de tipos ricos de terno e gravata ao cidadão comum, operário de obra. As coisas se agitaram por volta do meio-dia, e um dos garçons telefonou para avisar que estava doente, então Emily serviu algumas mesas sozinha. Mesmo sem conhecer o cardápio e sentindo-se insegura em relação ao sistema do computador, sobreviveu sem grande dificuldade. Ao final do turno, Fallon tagarelava para Emily, fazendo comentários sobre clientes que

davam as melhores gorjetas e até sobre quais garçons eram os mais competitivos. Em geral, considerando que era seu primeiro dia, Emily achou que tinha se saído bem.

Quando estava indo embora do restaurante, Antonio a parou, segurando uma caixa para entrega.

– Emily, meu entregador pediu demissão – disse, com os olhos cheios de preocupação. – Por acaso você está indo em direção ao Edifício Chrysler?

– Não, mas fica a poucas quadras daqui, não fica?

– Isso, na Lexington com a 42.

– Precisa que eu leve isso até lá? – perguntou Emily, apontando para a caixa.

– Preciso, por favor.

Emily deu de ombros.

– Sem problema. Vou a pé e de lá pego um táxi para casa.

– Muito obrigado. – Ele lhe entregou a caixa, suspirando de alívio. – Vou acrescentar uma coisinha a mais ao seu salário na semana que vem.

– Não precisa, Antonio. Eu gosto mesmo de visitar os pontos turísticos.

– Não, eu insisto. Vemos você amanhã, Caipirinha.

Rindo, Emily balançou a cabeça, admirada com o novo apelido. Deu meia-volta sobre os saltos arredondados dos sapatos de garçoneiro e saiu rumo ao ar quente e úmido. O mês de junho em Nova York era, sem dúvida, mais quente do que no Colorado. Ela foi abrindo caminho pela cidade, os olhos arregalados, ainda admirada por estar morando ali.

O ar estava denso com o alvoroço do trânsito e com o aroma que escapava dos carrinhos dos ambulantes vendendo comida. Estava se acostumando a Nova York mais depressa do que imaginara. Do metrô que vibrava sob seus pés ao desfile de rostos tão diversificados, tudo na cidade a impressionava. Era uma grande sobrecarga sensorial. Três curtos quarteirões depois, e um bocado suada, ela chegou ao destino.

\* \* \*

Embora o pai tivesse lhe contado histórias sobre amor à primeira vista, até aquela tarde fatídica, Gavin Blake tinha acreditado que isso não passava de um mito. A atenção dele estava concentrada na loura do balcão de informações, mas seus olhos se fixaram em Emily no instante em que ela entrou. Ele notou o modo como ela sorriu para o segurança. Sua beleza o atingiu

em cheio, de imediato. Porém, mais do que isso, sentiu-se atraído por ela como se houvesse uma corda amarrada à sua cintura e ela estivesse na outra extremidade, puxando-o. Piscando duas vezes, ele balançou a cabeça diante daquela conexão magnética.

– Senhorita, posso ajudá-la com alguma coisa? – perguntou-lhe o segurança.

– Oi, vim fazer uma entrega – respondeu Emily, olhando para o recibo.  
– Sexagésimo segundo andar.

Antes que o segurança pudesse responder, Gavin gritou do outro lado do saguão:

– Eu posso subir com ela, Larry.

A recepcionista, que chamara a atenção de Gavin antes da entrada de Emily, fez um beicinho.

O olhar de Emily se voltou para o local de onde vinha a voz. Ela perdeu o fôlego quando viu o homem alto e arrasadoramente lindo que caminhava em sua direção. Sentiu-se meio sem equilíbrio. Os olhos percorreram os cabelos muito negros, bem curtos e penteados em discreto desalinho. Os traços, tão bem esculpido, eram de tirar o fôlego; a boca parecia ter sido entalhada com grande esmero por um escultor de enorme talento. Os olhos varreram depressa o corpo que parecia ser musculoso escondido sob o terno cinza de três peças. Tentando se mostrar pouco afetada por aquele pedaço de mau caminho, ela voltou as atenções para o segurança gorducho.

– Tem certeza, Sr. Blake? Eu posso levá-la até lá.

– Tenho certeza, sim, Larry. Eu já ia subir, mesmo. – Gavin se virou para Emily. – Deixe-me ajudá-la com isso. – Ele fez um gesto para a caixa.

A voz era quente como conhaque e fez o estômago de Emily se alvoroçar. Ela tentou encontrar as palavras.

– Está tudo bem, sério. Eu consigo segurar.

– Eu insisto. – Gavin sorriu. – Além do mais, é uma velha mania de escoteiro.

Ela podia esquecer os olhos azuis penetrantes ou o charme que emanava de cada poro; bastava o sorriso cheio de covinhas para convencer Emily, instantaneamente, de que era só ele mandar e inúmeras mulheres tiravam a roupa.

Todos os dias.

Com relutância, ela lhe entregou a caixa e tentou se mostrar impassível.

– Certo, muito bem, já que é assim, você acaba de ganhar seu distintivo pela boa ação.

– Ora, muito obrigado. Já faz um bom tempo que não ganho um. – Ele riu. Girando com um movimento muito lento, Gavin a conduziu aos elevadores.

Emily o seguiu e vislumbrou a própria imagem nas portas de alumínio escovado. Sabia que estava horrível, suada e com cara de quem está voltando do trabalho, e a única coisa que queria era sair correndo quando as portas se abrissem.

– Depois de você – disse Gavin, com um sorriso.

Enquanto Emily entrava, os olhos de Gavin devoravam os cabelos castanho-avermelhados sedosos que chegavam à cintura dela. Nunca fora fã de mulheres que usavam rabo de cavalo – muito menos quando a mulher em questão parecia recém-saída de uma guerra de comida –, mas naquele momento ela era a criatura mais magnífica que ele já vira. Entre o rosto em formato de coração, o corpinho mignon e o perfume que flutuava entre eles, Gavin estava com sérias dificuldades para respirar. Com um passo à frente, tentou ignorar a consciência excessiva da presença dela – mas era inútil.

– Pelo visto substituíram Armando – sugeriu ele, apertando o botão do sexagésimo segundo andar.

Emily tentou não se mostrar inquieta quando seu olhar encontrou o de Gavin. Aquela proximidade só fazia com que ela se desse conta de quão lindo ele era de fato. Uma força potente num espaço pequeno e confinado. Ela entreabriu os lábios para acalmar a respiração acelerada.

– Armando?

– É, Armando. – Gavin deu um sorriso afetado, baixando os olhos em direção à caixa de comida. – Da Bella Lucina. Meu escritório pede comida de lá quase toda semana. É Armando que faz as entregas.

– Ah, sim. Mas não sou a nova entregadora. Quero dizer, eu trabalho lá. Bem, isso é óbvio, já que estou usando o uniforme e é evidente que sou uma garota e não um cara. – Emily estremeceu diante da certeza de que soava como uma perfeita imbecil. Respirando fundo, começou de novo: – Sou garçonete lá. Meu chefe me pediu para fazer esta entrega quando estivesse indo para casa porque o entregador se demitiu. – Ela começou a

ficar vermelha e quis cair dura bem ali. Literalmente. Cair. Dura. – Eu juro que *sei* articular frases completas.

– Dia longo no trabalho? Eu me solidarizo com você. – Gavin riu baixinho e avaliou o rosto dela. Emily tinha os olhos mais verdes que ele já vira e uma pintinha minúscula perfeitamente posicionada logo acima do lábio.

Ela sorriu.

– É, foi um dia muito longo no trabalho.

A campanha do elevador soou no trigésimo nono andar. As portas se abriram e uma mulher entrou. Era tão alta quanto Gavin, em seus saltos agulha pretos, terno branco e cabelos acaju presos num coque.

– Ora, como vai, Sr. Blake? – cumprimentou ela, a voz rouca, enquanto apertava o botão do quadragésimo segundo andar. Ela abriu um sorriso sedutor assim que se inclinou em direção ao ouvido de Gavin. – Espero que possamos continuar de onde paramos na última vez em que o vi.

Gavin deu um passo atrás, sem grande cerimônia, o rosto ganhando uma expressão indiferente. Limitou-se a assentir. A mulher sorriu e se virou para encarar as portas do elevador.

Gavin olhou outra vez para Emily, envergonhado por seu casinho de uma noite entrar no elevador de forma tão inesperada.

– E então... Você trabalha no Bella Lucina há muito tempo?

– Não, hoje foi meu primeiro dia.

– Emprego novo. Isso pode ser estressante – disse Gavin. – Espero que tenha corrido tudo bem.

– Correu, sim, obrigada.

Quando as portas se abriram, a mulher saiu e se virou para Gavin:

– Me liga.

Ele assentiu brevemente e ela se afastou. As portas se fecharam, deixando-o a sós com Emily outra vez.

– Ela não é minha namorada, caso você esteja se perguntando.

Emily o encarou, divertindo-se com aquela observação.

– E quem disse que eu estava?

A reação inesperada, combativa e sexy, causou arrepios em Gavin. Ele deu de ombros, como quem não quer nada, tentando decifrá-la.

– E quem disse que você não estava?

– Você não me conhece bem o bastante para supor nada do que eu poderia estar pensando – zombou ela, uma risada escapando dos lábios.

– Nisso você tem razão. – Gavin abriu um sorriso presunçoso e deu um passo à frente para ficar mais perto dela. – Mas tenho de admitir que gostaria de conhecê-la melhor.

Que ótimo! Ele não só era gostoso, com aquele terno elegante e caro. Era convencido também. Emily piscou para ver se acordava de seu quase torpor, tentando ignorar quanto o perfume dele era sedutor.

– Não posso. Sinto muito. – Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Antes que Gavin tivesse chance de reagir, as portas do elevador se abriram no sexagésimo segundo andar.

– Eu fico aqui. – Emily se virou para pegar a caixa. – E agradeço por carregá-la para mim.

– Sem problema, eu também fico aqui.

– Trabalha neste andar? – perguntou Emily, obviamente confusa.

Sem querer dizer a ela que era o dono da empresa sediada naquele andar, Gavin optou por uma meia-verdade:

– Pois é. Sou o culpado pelo pedido.

Os olhos de Emily passaram pelos lábios deliciosos dele.

– Então quando entrei você já sabia que eu vinha para este andar?

– Eu tinha uns minutinhos. Estava aguardando por você lá embaixo, na portaria. Na verdade, eu estava lá na portaria esperando o *Armando*, mas em vez dele fui agraciado pela linda mulher diante de mim. Aí resolvi ser cavalheiro e ajudá-la com a caixa. – Ele saiu do elevador com passos fortes e graciosos. – Gostaria de me acompanhar no jantar? Tem mais do que o suficiente aqui para você.

– Eu... Eu não posso. Sinto muito – respondeu Emily, apertando o botão para a portaria.

– Espere! – Gavin inclinou o corpo para dentro do elevador, segurando a porta aberta. Tinha forçado a barra e estava se sentindo um babaca, mas tentou recuperar a pose da melhor forma possível. – Fui grosseiro e lamento por isso; minha mãe me deu uma educação melhor do que essa. – Passou a mão pelos cabelos, nervoso. – Eu adoraria levá-la para jantar um dia desses. Sei que um escritório não é um cenário nada romântico. É que eu trabalho muito. Mas, como falei, adoraria sair com você uma noite dessas.

Antes que Emily pudesse responder, uma graciosa mulher de cabelos castanhos falou de detrás de uma mesa:



– Sr. Blake, o senhor tem uma ligação na linha dois.

Sorrindo, ele se virou para encarar a mulher.

– Por favor, anote o recado para mim, Natalie.

Com os dedos trêmulos, Emily se apressou em apertar o botão para fechar a porta, que se fechou por completo antes que Gavin pudesse se virar. Encostada na parede, agarrou a balaustrada de latão tentando se recompor. O efeito que o estranho exercera sobre ela era enervante. Balançou a cabeça, arrependida por ter concordado em fazer aquela entrega. Ainda assim, conseguiu deixar o prédio e ir para casa.

\* \* \*

– Ele era tão bonito assim? – perguntou Olivia, sentada à mesa da cozinha.

Emily pôs um dos dedos nos lábios.

– Pelo amor de Deus, Olivia! Fala baixo. Dillon está no meu quarto. – Os olhos voaram até a porta e se voltaram para Olivia. – Era, era bonito *assim*. De tirar o fôlego de tão lindo. De fazer você arrancar a roupa para ele devorá-la viva de tão lindo. Um colírio de tão lindo.

Olivia riu e rapidamente cobriu a boca.

– Ele me parece muito gostoso – sussurrou. Emily fez que sim com a cabeça e riu. – Acho que você precisa roubar o lugar do entregador em vez de ser garçonete.

– Não sei, não. Foi só a reação mais esquisita que já tive a alguém. E estou morrendo de vergonha por ter me comportado assim. Uma criança da pré-escola teria se saído melhor.

Com um sorriso maroto, Olivia bebericou um gole de vinho, os olhos castanhos brilhando.

– Quem sabe você não tem uma ótima noite de sexo com o Cuzão se pensar no Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão?

Emily deu um tapinha de leve no braço da amiga.

– Pare. Para mim, já chega de pensar no Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão. – Emily soltou o rabo de cavalo. – Além do mais, amo o Dillon. O Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão vai ser um mimo para alguma outra mulher, pode acreditar.

– Está bem, está bem. – Olivia riu baixinho. – Mas pelo menos você sabe que tem um reserva.

Antes que Emily pudesse continuar a discutir sobre seu recém-desco-

berto colírio, Dillon entrou vestindo seu melhor terno e gravata. Na mesma hora Emily esqueceu o estranho sexy, os olhos se banqueteadando nos cabelos louro-escuros úmidos e no belo rosto do namorado. Aquele era todo o colírio de que precisava.

– Pensei que a gente fosse ficar por aqui esta noite... – comentou Emily, se aproximando de Dillon e passando os braços ao redor de sua cintura. – Aluguei um filme.

Ele pousou os braços nos ombros dela. Era fácil fazer aquilo, já que era bem mais alto do que Emily.

– Vou jantar com um cliente em potencial. – Foi à geladeira e pegou uma garrafa de água. – Foi uma ligação inesperada. A gente assiste ao filme outra noite.

Emily franziu as sobrancelhas diante da indiferença do namorado.

– Quantos jantares inesperados você consegue ter em uma semana?

Depois de deixar escapar um suspiro audível, Olivia se pôs de pé e deixou o cômodo.

Dillon suspirou.

– Você sabe que isso faz parte da minha rotina, Emily. Sou corretor da bolsa. Preciso levar clientes para jantar de vez em quando para conseguir a conta.

– Eu entendo, Dillon. Entendo mesmo. – Emily entrou na cozinha e pressionou o corpo ao dele. – Mas estou aqui há menos de um mês e sou sempre deixada de lado quando você tem essas reuniões. – Ela deu um puxão brincalhão na gravata dele. – A gente se via mais quando eu estava no Colorado.

Dillon deu um passo para trás, semicerrando os olhos castanhos.

– Você está parecendo uma universitária patricinha chorona. – Ele girou a tampinha da garrafa de água e bebeu um gole. – Relaxa. Não devo voltar muito tarde.

Uma ruga surgiu na testa dela.

– Uma patricinha chorona? O que isso quer dizer? Por que você voltou aqui para tomar banho então?

– Recebi a ligação *depois* que cheguei.

– Talvez você precise dormir na sua casa esta noite. – Ela desamarrou o avental e o atirou em cima da mesa. – Você tem saído para jantar com seus *clientes* pelo menos cinco noites por semana.

Dillon a encarou e elevou a voz:

– O que está tentando insinuar, Emily? Acha que estou mentindo para você?

– Não tenho a menor ideia. Só achei que você seria um pouquinho mais presente do que tem sido – respondeu ela, passando a mão pelos cabelos. – Quem sabe me ajudando a me adaptar?

Depois de tomar mais um gole da água, ele inclinou a cabeça para o lado.

– Eu a trouxe para cá com a minha grana. O que mais você quer?

– Isso foi golpe baixo, Dillon. – Ela bufou, semicerrando os olhos verdes. – Eu não lhe pedi nada. Eu poderia muito bem ter ficado no Colorado e a gente podia ter continuado um relacionamento à distância.

Dillon deu um passo à frente, ergueu a mão e acariciou o rosto de Emily.

– Não poderia, não. Você me ama e precisava estar aqui depois de tudo que aconteceu. – Ele deslizou o polegar pelo queixo dela. – E eu também a amo e preciso de você aqui. Agora pare de bobagem e me deixe sair para cuidar desse cliente. Volto mais tarde, está bem?

Analisando e reavaliando a situação às pressas, Emily ficou nas pontas dos pés e pressionou os lábios nos dele. Dillon aceitou o beijo e deixou escapar um gemido. Cerrando os punhos em meio aos cabelos dela, ele a puxou, encostando-a em seu peito.

Emily falou de encontro à boca de Dillon:

– Está certo. Faça o que tem que fazer. Nos vemos mais tarde.

– Então não vou ter que voltar para o meu apartamento? – Ele sorriu grudado aos lábios dela. – Se você insistir, de verdade, acho que posso dormir na minha casa.

– Pare de bancar o engraçadinho, Dillon. Estarei à sua espera.

– Prometo que você vai ter minha atenção exclusiva.

Dillon entrelaçou os dedos aos dela e Emily o acompanhou até a porta. Depois de lhe dar um último beijo, ela o observou sair.

Quando a porta foi fechada com um baque, Olivia retornou do quarto. Afundando no sofá, deu um tapinha no assento ao seu lado.

– Muito bem, desembuche. O que está acontecendo?

– Ele só está parecendo muito distante, sabe? – respondeu Emily, sentando-se ao lado da amiga.

– Olha, você sabe que eu não suporto o Dillon. – Olivia fez uma pausa e bateu o dedinho no próprio queixo. – Na verdade, eu o odeio. – Emily revirou os olhos e Olivia riu. – Mas em defesa dele, e só porque meu ir-

mão e ele trabalham no mesmo escritório, eles realmente têm de cuidar de contas em potencial.

– Certo, mas por acaso Trevor sai cinco noites por semana por causa disso?

– Não, mas acho que o Dilluído é um corretor mais agressivo. Considerando que é um babaca, isso não me surpreende.

– Muito bem, amiga, já chega de esculhambar ele – disse Emily, balançando a cabeça. Olivia riu e Emily refletiu sobre as palavras da amiga. – Talvez eu esteja exagerando. Não sei. Acho que meu cérebro está entrando em curto nessa de tentar me adaptar à morte da minha mãe e à mudança.

Olivia colocou uma das mãos no ombro de Emily, os olhos se abrاندando com compaixão.

– É muita coisa para absorver de uma vez só. Não imagino como seria passar por isso. – Olivia a puxou e lhe deu um abraço apertado. – Você é uma mulher forte, vai se sair bem. Eu sei que vai.

– Obrigada, Olivia, sério. Não sei o que teria feito sem você. Fui abençoada em tê-la como colega de quarto na faculdade e agora estou morando aqui com você. Sinceramente, vou ficar lhe devendo essa para sempre.

Olivia riu.

– Agora você pegou pesado no dramalhão. – Ela se levantou e pegou o filme que Emily havia alugado. Depois de colocá-lo no aparelho de DVD, se acomodou de volta no sofá. – Hoje é a noite das meninas.

## Creme ou açúcar

**EMILY ACORDOU NO DIA SEGUINTE** mais uma vez fascinada com o corpo de Dillon, que ainda dormia. Deitou a cabeça no peito quente dele e começou a divagar sobre seu relacionamento. Era cheio de coisas estranhas, como o de qualquer outro casal. Ela sabia que se acostumaria, mas por enquanto o estilo de vida muito acelerado que o namorado levava era um grande desafio. De início, as diferenças não pareceram tão grandes porque a relação crescera e florescera no mundo *dela*. Agora que Emily estava no *dela*, precisava aceitar muita coisa.

Ser um troféu não estava entre seus objetivos de vida. No entanto, desde que se mudara para Nova York, Dillon parecera querer forçá-la a assumir esse papel. Quando saíam juntos, ele a exibia para os poucos amigos que Emily tivera a chance de conhecer. Ela também notara uma mudança no comportamento de Dillon, tratando-a como se fosse seu dono. Às vezes era fofo – coisa de namorado –, mas na maioria das ocasiões tinha algo de autoritário e perturbador. Ainda assim, naquele exato momento, com os sentidos saturados dele e considerando tudo de bom que Dillon fizera por ela, Emily aceitava o relacionamento tal como era. Aninhou-se junto de Dillon, afastando uma mecha de cabelo rebelde da testa do namorado.

Ele se remexeu e sorriu.

– Você acordou cedo. – A voz soou rouca, por ter acabado de acordar. – Não fiz um bom trabalho colocando você em coma pós-sexo ontem à noite.

Aconchegando o rosto na dobra do braço de Dillon de maneira brincalhona, ela sorriu.

– Se tivesse conseguido me colocar em coma pós-sexo, nunca mais poderia transar comigo.

– Você está muito enganada, meu amor. Eu transaria com você de qualquer jeito, com ou sem coma.

– Você é nojento! – brincou Emily, rindo e sentando-se na cama.

Com um brilho predatório nos olhos castanhos, ele perguntou:

– Pronta para a segunda rodada?

– Você não prometeu me levar para tomar café da manhã hoje?

– Prometi. E vou.

– Bem, preciso estar no trabalho às dez e ainda tenho que tomar banho.

– Você sabe que, quando necessário, sou bom numa rapidinha – disse Dillon, pondo-se de pé e a puxando para si.

Incapaz de negar, ela cedeu, enquanto ele despiu a ambos a caminho do banheiro. Emily encostou no armário do lavabo e o observou abrir o chuveiro. Sentiu a tensão que emanava do corpo dele enquanto Dillon caminhava para ela com um sorriso de menino que sempre a derrotava. Ele a puxou e a beijou com tanta delicadeza que Emily sentiu seus lábios estremecendo junto aos dele. Não conseguiria se libertar do encanto hipnótico daquele beijo nem se quisesse. Sentindo as mãos de Dillon alisarem cada pedacinho de seu corpo, marcando sua pele com aquele toque abrasador, seu sangue ferveu, fazendo o corpo desejar mais. Ele deslizou a boca pelo vale entre os seios dela e roçou o mamilo com a língua. Aquilo a enlouqueceu.

Erguendo os olhos para fitá-la, Dillon sugou e rodeou o bico rijo com a língua.

– Você gosta disso, não gosta?

– Sim – respondeu Emily, ofegante, enquanto as mãos dele agarravam os cabelos dela.

Num ritmo lento e enlouquecedor, ele enfiou os dedos em sua boceta úmida. A pressão era deliciosamente torturante e coincidiu com a contração súbita entre suas pernas. Dillon a beijou com mais intensidade quando sentiu as unhas dela se cravarem em suas costas. Gemeu quando Emily correu as mãos por seu peito, os dedos deslizando bem devagar pelo abdômen definido. Ela enlaçou a cintura dele com as pernas e Dillon a carregou para o chuveiro. Encostou-a na parede, e ela deixou escapar um arquejo de

prazer quando ele a penetrou. Todas as terminações nervosas de Emily se incendiavam enquanto os corpos pareciam se fundir.

– Nossa, como você é gostosa, Em – sibilou ele, a voz carregada de desejo.

Ela se agarrou aos ombros rijos enquanto a água quente escorria por seus corpos. O desejo dela crescia a cada pulsar e estocada. Com os lábios colados aos dele, Emily apertou mais as pernas ao redor da cintura, arqueando o corpo para junto do de Dillon, tomando para si tudo o que ele tinha para oferecer. Os olhos dele se arregalaram ao sentir a carne quente e escorregadia dela se contraindo ao seu redor. Emily gemeu de satisfação e completude ao sentir os espasmos e o tremor de Dillon. Enterrando o rosto no pescoço delicado da namorada, ele deixou escapar um grunhido gutural ao gozar. Quando Dillon se afastou, os olhares se cruzaram e se fixaram, buscando outra vez o equilíbrio enquanto a respiração voltava ao normal.

– Amo você, Emily – disse ele, colocando-a no chão com todo o cuidado e a puxando para junto de si. – Fico feliz que esteja aqui comigo.

– Também amo você e sinto muito pela forma como agi ontem, antes de você sair. – Ela lhe deu um beijo rápido no peito, as mãos emoldurando o rosto dele. – Vou tentar ser mais compreensiva em relação a essa sua agenda maluca.

Ele sorriu para ela com carinho.

– Eu sei que vai.

Passaram um bom tempo no banho. Dillon a ensaboou de maneira brincalhona e Emily retribuiu esfregando as costas dele. Deu-se conta de que o que ele dissera na noite anterior era verdade. Precisava estar em Nova York com Dillon. Ela o amava. Não havia uma única fibra em sua alma que fosse capaz de morar tão longe dele outra vez.

Considerando que não teriam mais tempo de sair para tomar café da manhã, Emily acabou preparando o desjejum para os dois. Depois de limparem a cozinha, Dillon foi para o trabalho. Emily também se arrumou para sair e ligou para a irmã, Lisa, que morava na Califórnia. Emily sentia muita saudade dela. Dez anos mais velha, Lisa era como uma segunda mãe. Tinha se casado com o namorado da escola, Michael, havia seis anos. Para suprir a ausência do pai, Emily buscava em Michael a ajuda que teria lhe pedido caso estivesse ao seu lado. Lisa e Michael eram tudo para Emily. Encontrá-los antes da morte da mãe tinha sido difícil, mas estar em extremidades opostas do país significava visitas ainda me-

nos frequentes. No entanto, haviam marcado uma data provisória para se verem dali a alguns meses.

Assim que desligou o telefone, Emily entrou num táxi e seguiu para o trabalho. De repente se lembrou de como a mãe havia desejado visitar Nova York. Tinha até comprado entradas para um espetáculo na Broadway, mas adoecera logo depois. O avanço rápido da doença a impedira de fazer a viagem. A lembrança tinha um sabor amargo e doce ao mesmo tempo. Ali estava ela, na cidade que a mãe desejara conhecer, mas não estavam juntas. Enquanto entrava no restaurante, Emily tentava afastar a tristeza.

– Ei! Não vai me dizer oi? – perguntou Roberto, o cozinheiro espanhol.  
– Eu gosto de você, Emmy. Gosto muito de você.

– Oi, Roberto. – Ela riu. – Também gosto de você.

Ele corou enquanto Emily batia o cartão no relógio de ponto. Fallon lhe disse que, como no dia anterior ela dera conta do trabalho no horário de pico, achavam que estava pronta para cuidar de uma área de mesas. Seus primeiros clientes foram policiais de Nova York. Antonio a observou atentamente enquanto ela os abordava.

– Oi, meu nome é Emily e vou servi-los hoje. – Sorrindo, ela sacou a caneta e o bloquinho do bolso do avental. – Os senhores vão pedir as bebidas por enquanto, ou já sabem o que vão querer?

O policial mais velho, um sujeito de cabelos grisalhos, retribuiu o sorriso.

– Você não é a nossa garçonete de sempre.

– Não, senhor. Comecei a trabalhar aqui ontem, então peguem leve comigo, está bem? – Emily virou-se e indicou Antonio atrás de si. – Meu patrão está de olho.

Com expressões simpáticas, eles riram, sem dúvida achando o comentário divertido.

O policial mais jovem brincou:

– Quem? Antonio? Que nada, ele é inofensivo.

O policial de meia-idade deu um sorriso afetado.

– Não se preocupe. Vamos tentar ser bonzinhos, mas às vezes somos um pé no saco.

– Bem, não sejam muito duros comigo, rapazes. – Emily estava contente por eles terem senso de humor. – O que vão beber?

Ela anotou os pedidos e os enviou para a cozinha. Atendeu mais algumas mesas antes de o corre-corre do almoço começar de verdade. O lugar



foi de “bem tranquilo” para “um manicômio com todos os tipos possíveis de clientes”.

Quando Emily ia entregar o pedido de uma de suas mesas, Antonio a chamou e fez sinal para uma das baias reservadas no canto.

– Ei, Caipirinha, chegou mais uma pessoa no seu setor. Tudo bem atender mais uma mesa?

Ela ajeitou a bandeja junto ao ombro.

– Claro, estou bem. Já vou lá.

Ele assentiu e se afastou, apressado, em direção à porta para receber mais clientes.

Emily estendeu a mão para pegar um cavalete e apoiar a bandeja e em seguida distribuiu os pratos para o grupo de cinco pessoas.

– Precisam de mais alguma coisa?

Uma morena atraente com um vestido leve de verão ergueu um copo de refrigerante vazio.

– Um refil, por favor.

Emily deu um sorriso apressado e pegou o copo.

– Volto já.

Foi até a máquina de refrigerante, olhando em direção à nova mesa, mas mal conseguindo ver o cavalheiro solitário que ainda não tinha sido atendido.

– Merda – murmurou.

Voltando depressa para o grupo de cinco, Emily entregou a bebida à mulher.

– Desculpe por não ter trazido antes. Alguém mais precisa de alguma coisa? – perguntou outra vez, rezando para que ninguém pedisse nada. Todos balançaram a cabeça, negando.

Emily deixou escapar um discreto suspiro de alívio e lhes disse que em breve voltaria para ver se estava tudo bem. Afastando-se, tirou o bloquinho de pedidos do bolso e foi até a baia. Deslizando a mão pela testa suada, se aproximou da mesa e, sem querer, deixou cair a caneta. Ajoelhou-se para pegá-la, mas antes que pudesse fazê-lo, o cliente já estendia a mão em sua direção.

– Obrigada – disse Emily, ainda agachada. – É muita gentileza. Posso...

– A voz falhou quando seu olhar cruzou com o dele.

Era o Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão do elevador. Emily ficou sem fôlego ao vê-lo ali, sentado, muito à vontade. Precisou segurar a mesa para

se equilibrar enquanto se levantava devagar. Era ainda mais bonito do que ela se lembrava. Não que vinte e quatro horas pudessem apagar a imagem dele de sua mente, mas agora ele estava *tão presente, másculo e atraente*. Fez despertar o já tão conhecido comichão na pele dela. Estava sem o pafetó, pendurado com capricho num gancho ao lado da baia. Usava uma camisa branca engomada e a ausência de cor só destacava ainda mais os límpidos olhos azuis.

Os lábios de Gavin se curvaram num sorriso.

– Você não parece muito feliz em me ver.

– Eu só estou um pouco... hum... – Ela lutava para encontrar as palavras.

Gavin não queria admitir que sua necessidade de vê-la outra vez era tão intensa a ponto de ter cancelado uma reunião com um cliente importante na esperança de pegá-la no trabalho. Também não lhe diria que quando as portas do elevador se fecharam na noite anterior sentira um estranho vazio pela partida dela.

– Você saiu tão apressada ontem! Nem tive a chance de lhe dar uma gorjeta.

– Aaahhh. – Emily prolongou a interjeição, tentando pensar no que dizer, já que Gavin parecia bloquear seus pensamentos. – Certo... Sobre a forma como fui embora... Me desculpe. Quer beber alguma coisa? – Ela mordeu a tampa da caneta.

Gavin passou os olhos sobre os lindos lábios e sorriu diante daquela reação nervosa.

– Claro. Vou querer um café, por favor.

– Creme ou açúcar?

Ele inclinou a cabeça.

– Você põe?

– O quê?

– Creme ou açúcar no seu café?

– Por que quer saber? – indagou Emily, confusa com aquela pergunta.

– Bem, estou tentando descobrir o máximo que posso sobre você. Achei que café seria um assunto simples. Mas posso ter me enganado.

Emily deixou escapar uma risadinha.

– Isso parece coisa de *stalker*. Não acha?

– Hum... um *stalker*. Acho forte demais. – Ele riu, e o divertimento se refletiu em seus olhos. – Prefiro chamar de *curiosidade*.

Ela balançou a cabeça.

– Muito bem, mas você não respondeu à minha pergunta: vai querer creme ou açúcar?

– Você não respondeu à *minha* pergunta. – Ele arqueou uma sobrancelha perfeita. – Põe um dos dois no seu café?

Certa de que ia perder a batalha, ela cedeu:

– Sim.

– Ah, os opostos de fato se atraem. – Gavin se recostou no assento e cruzou os braços. – Vou querer o meu puro, por favor.

Emily piscou, olhando para aquele rosto sensual por mais alguns segundos. Ela se virou e caminhou outra vez até a mesa anterior, para perguntar se os cinco clientes precisavam de alguma coisa. Eles disseram que não, então ela entregou a conta. Depois foi até o balcão do café, sem fôlego por causa daquele homem desconhecido. Enquanto Emily preparava a bebida, Fallon se aproximou depressa.

Com os cabelos pintados de preto, ficou boquiaberta ao olhar para Gavin.

– Caipirinha, você conhece aquele cara?

Emily respirou fundo e se virou para Gavin. Ele estava distraído com o jornal.

– Não... bem... mais ou menos, eu acho. – Ela colocou o café dele numa bandeja.

Fallon arrancou o bloquinho de Emily de dentro do avental, anotou seu nome e telefone nele e o entregou de volta.

– Pelo amor de Deus! Entregue isso a ele. Meus olhos nunca viram um homem tão gostoso!

– Gostoso é pouco. – Emily começou a se afastar, mas então se virou de volta. – Espere aí, e o namorado que tem idade para ser seu pai?

Fallon pôs as mãos nos quadris e deu um sorriso irônico.

– Quando tenho uma oportunidade, estou disponível para qualquer idade, raça ou gênero.

Balançando a cabeça, Emily riu e foi caminhando até a mesa de Gavin. Tentando controlar o coração acelerado, calculou a idade dele. Não parecia ter mais que 25 anos. Com a mão trêmula, serviu-lhe o café. Ele sorriu para ela com os olhos arregalados e deixou o jornal de lado.

– Já escolheu o que vai comer? – perguntou ela, baixando a vista para as abotoaduras de ônix e o relógio que parecia ser caro.

– Na verdade, ainda nem vi o cardápio – respondeu ele, pegando-o para dar uma olhada.

– Está bem, então volto daqui a pouco.

– Espere – pediu Gavin. – Tem alguma sugestão em especial?

– A única coisa que já comi aqui foi o sanduíche de queijo Asiago com cogumelos Portobello.

– Boa pedida. Vou querer isso.

Ela já ia anotar, mas se deteve.

– Tem espinafre. Tudo bem para você?

Mordiscando o lábio inferior, Gavin sorriu.

– Seu nome e telefone vêm junto?

*Ai, que desgraça, ele e esses lábios,* pensou Emily.

Tentando agir como se a pergunta não a tivesse afetado, ela arrancou o papel com o telefone de Fallon e o entregou a ele.

– O meu não. Mas minha amiga pediu que eu lhe desse o dela. – Emily meneou a cabeça em direção a Fallon que estava na recepção, observando-os. – Espero que faça o seu tipo.

Gavin não desviou os olhos de Emily por um segundo sequer.

– Não estou interessado nela – respondeu sem se abalar, empurrando o papel até a beirada da mesa.

– Como sabe que não está interessado? Nem se virou para ela.

Apoiando os cotovelos na mesa, Gavin deu um sorriso que suavizou os contornos da boca perfeitamente pecaminosa.

– Sei que não estou interessado nela porque a única mulher em Manhattan cujos nome e telefone eu quero está bem aqui na minha frente.

Emily se remexeu, desconfortável, a respiração presa no fundo da garganta.

– Bem, sinto muito. Tenho namorado.

– Imaginei – respondeu ele, cruzando as pernas de um jeito displicente.

– Seria quase impossível que não tivesse.

– E mesmo assim está pedindo meu telefone?

Observando a mão esquerda dela, Gavin sorriu.

– Sim. Não estou vendo nenhuma aliança no seu dedo e, enquanto *não* houver aliança, ainda posso ter esperança.

– Então está me dizendo que é infiel? – questionou ela, olhando-o com incredulidade.

– Eu não disse isso.

Sorrindo, Emily inclinou a cabeça.

– Bem, está supondo que eu trairia meu namorado para sair com você, o que automaticamente o torna infiel.

– Minha esperança é que você *termine* com seu namorado e saia comigo – acrescentou ele depressa, com um sorriso irônico. – Isso faz de mim um homem honesto.

Ela anotou o pedido.

– Honesto, não. Pretensioso, sim.

– Prefiro o termo *esperançoso* – argumentou Gavin, avaliando a forma como ela mordia o lábio, nervosa. – Posso ao menos saber o nome da linda garçonete que está me servindo?

Abalada pelas palavras dele, mas sem querer revelar seu verdadeiro nome, Emily respondeu:

– Molly. Meu nome é Molly.

Gavin ia abrindo a boca para falar quando Antonio chamou do outro lado do restaurante:

– Caipirinha, telefone para você!

Mesmo sem querer, Emily desviou a atenção de Gavin. Foi até a recepção para atender a ligação.

– E aí, o que ele disse? – perguntou Fallon.

Emily franziu a testa.

– Ele tem namorada.

– Merda, e eu fiquei esperando. – Fallon pegou a bolsa e se dirigiu à porta. – Pelo visto vou ter que me contentar com o velho por enquanto. Vejo você amanhã.

Com um aceno, Emily pegou o telefone. Era Dillon ligando para eles planejarem a noite. Depois de desligar, ela ficou contente por ele ter telefonado, trazendo seus pensamentos de volta para onde deviam estar. Respirando fundo, caminhou até o computador e digitou o pedido de Gavin. Cumprimentou uma família de três pessoas que chegava e completou as tarefas paralelas que tinha deixado de lado.

Por fim, arriscou-se a olhar na direção de Gavin ao se sentar ao balcão do café esperando pelo pedido dele. Sentiu-se absurdamente dominada quando seus olhares se cruzaram. Ficou confusa. Não sabia por que o olhar dele a abalava tanto e odiava o fato de, na verdade, *gostar* da forma como Gavin a encarava. Emily obrigou-se a sair de seu devaneio ao ouvir um dos cozinheiros chamá-la. Entrou na cozinha, pegou a comida de Gavin e o bule de café.

– Um sanduíche de queijo Asiago com cogumelo Portobello e espinafre – disse ela, colocando o prato diante dele. – E um pouquinho mais de café para você.

– Obrigado.

Gavin correu os olhos até o pescoço de Emily enquanto ela se inclinava para servir a bebida. O perfume doce lhe atíçou os sentidos. Imaginando como seria deslizar os lábios por aquela linda pele, voltou a se concentrar no rosto dela e sorriu. Pigarreou, tentando afastar aquela imagem.

O coração de Emily estava disparado, as batidas falhando, enquanto ele a encarava.

– Posso lhe trazer mais alguma coisa?

– Na verdade, pode. Me desculpe – começou ele, tentando despertar do estranho encantamento no qual ela o colocara. – Recebi uma ligação avisando que preciso voltar para o escritório. Posso levar isto para viagem?

– Ah... Sinto muito por ter demorado tanto – disse Emily, pegando o prato. – Vou colocar numa embalagem para você.

– Não se preocupe. Eu deveria ter avisado antes. – Ele se levantou e vestiu o paletó.

Emily deu meia-volta e caminhou em direção à porta da cozinha.

Depois de deixar uma nota de 20 dólares em cima da mesa, Gavin sacou um cartão de visitas e duas notas de 100. Enrolou-as no cartão e as cobriu com uma nota de 5.

Emily voltou com a embalagem e a entregou a ele.

– Mais uma vez, sinto muito por ter demorado tanto. – Ela fitou os olhos dele. Na mesma hora, seus sentidos voltaram a se aquecer.

Gavin se inclinou para a frente, a centímetros do rosto de Emily. Pegou a mão dela e pôs o cartão e as notas em sua palma, o hálito suave junto ao seu ouvido:

– E eu já lhe disse para não se preocupar.

Emily ficou paralisada ao constatar que sua respiração se tornara tão irregular quanto os batimentos de seu coração. O hálito morno dele, tão perto dela, quase a fez perder a cabeça. Gavin irradiava uma energia sexual intensa que ela não tinha como negar – e estava bastante certa de que nenhuma fêmea de sangue quente seria capaz de fazê-lo. Sem conseguir formular uma frase, ela não respondeu.

Os lábios dele se abriram num sorriso encantador.

– Me ligue se mudar de ideia, Molly.

E com isso, ele deu meia-volta e seguiu porta afora. Os olhos de todas as mulheres do restaurante o acompanharam.

Emily soltou o ar, só então percebendo que estava prendendo a respiração. Contou o dinheiro, chocada, não só pelo valor da gorjeta, mas pelo fato de ele ter deixado o cartão também. O lado em branco estava virado para cima. Ela lutou contra a vontade de virá-lo. Suspirou, furiosa consigo mesma, enquanto tentava parar de pensar nele. Não adiantou. Gavin invadia cada canto de sua mente.

Não tinha como negar que o achava muito atraente. Ficara alarmada por não ter conseguido parar de encará-lo quando o vira pela primeira vez. Havia algo de misterioso naqueles olhos, de um tom azul tão claro que quase imploravam que ela se submetesse a ele, que o obedecesse e fizesse com ele algumas das coisas mais sacanas que sua mente podia imaginar. Talvez fossem os males, quase proeminentes demais. Ou talvez o tom suave e rouco da voz que basicamente desarmara cada pensamento coerente que Emily tivera desde a primeira vez em que ele falou.

*É claro que ele tem uma voz sensual para combinar com aquele olhar de alcova.*

Sem dúvida era um gostosão, com voz e olhar sedutores. Mas Emily sabia que teria de resistir enquanto a sanidade estivesse no controle. Fez de tudo para entrar na cozinha sem conferir o nome e o telefone dele no cartão. Agindo contra todos os demônios sexuais que gritavam dentro de sua cabeça para não deixar a oportunidade passar, ela atirou o cartão no lixo – e os dedos formigaram com a ausência do papel.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)